

CRUEL
LEURC

CRUEL

Thor Vaz Almada Eustáquio da Silva
Livro de força e magia poética
Libere a sua potência de amor
Através das palavras
Escritas
Lidas
Sussurradas
e berradas
As verdades da alma, sem cuidado
Contém palavras mágicas

CRUEL

Thor Vaz Almada Eustáquio da Silva
Livro de força e magia poética
Libere a sua potência de amor
Através das palavras
Escritas
Lidas
Sussurradas
e berradas
As verdades da alma, sem cuidado
Contém palavras mágicas

“Ninguém alguma vez escreveu ou pintou, esculpiu, modelou, construiu ou inventou senão para sair do inferno.”

Antonin Artaud

NOTA DO AUTOR

(por pseudônimo)

Ele dá e tira. Dá e tira. Dá, esbanja, explode, compõe músicas, pinta quadros, recita poemas, chove dinheiro. Constrói castelos. Então desmorona, desenterra, prende, cega, fere com fino trato prolongado e abrasivo. Retorce. Esconde, brinca, zomba, faz que chora. Vaia. Dá de ombros e finge que não ouve. Que não recebe as letras compostas, que não se importa.

O mundo é flor de ciclos rápidos, cujo cheiro se exala ou exila ao sabor do vento.

E de repente, eu, o mestre de cerimônias, fui completamente poupado do convívio do mundo. Eu frágil, torto, magro de sentido. Andando pra frente como um trem que desce a montanha. Soltando fumaça. Uma certa falta doentia de um ópio que me fizesse chorar por ter tocado Deus. Um zumbido escarnecedor dentro da mente, o desabrochar de um sentido clarividente potente metade mortífero paralisante questionador. Quando eu só queria viver nas pausas de tempo, nos entreatos, nos respiros.

Sabe quando o tempo é suspenso como quem suspira de felicidade? É ali que eu quero estar permanentemente.

E que ninguém me encontre. E que todos me encontrem ali.

E que eu seja mais útil a quem me procure.

Olha amor, acho que acabei de ver um fantasma.

EU não devia sentir isso aos oitenta anos de idade. Já tenho os pés enrugados e mal corro. Porque meu coração ainda se porta como quando jovem?

Sempre tive um coração antigo. Frágil às drogas finas que te trazem à presença de seres mitológicos.
Sempre fui frágil a encontros. Sempre fui metade de um e ainda assim quis construir um mundo meu.
Tomem ele pra si.
Tomem ele pra si, que eu ainda estou preso numa mesma música.

palavras são setas que atravessam

DAQUILO QUE SENTES FALTA, MEU PRÍNCIPE	<u>11</u>
QUE TUDO SEJA	<u>15</u>
SÓ O CÉU	<u>19</u>
OUTRO HOMEM	<u>21</u>
DO JOIO	<u>27</u>
EU LIXEIRO	<u>29</u>
POEMO 2608	<u>31</u>
RELATO	<u>37</u>
POEMA DE 09/08	<u>43</u>
2067	<u>45</u>
CORPO DE ÁTOMOS	<u>49</u>
DO TEMPO DOS DEUSES	<u>53</u>
QUEM ME DERA	<u>57</u>
LIVRO 0	<u>61</u>
aMártir	<u>67</u>
PARA O SUSTENTO DOS CAMELOS	<u>69</u>
TUA OBRA	<u>71</u>

DAQUIL
O QUE
SENTES
FALTA,
MEU

PRÍNCIP

E

Do cheiro e do gosto da tua pele

Do doce desejo de tua prole

As lágrimas frescas dos teus sonhos

Teus beijos, teus dedos

Trejeitos Amores, gotejando...

É um milagre amar alguém

Neste planeta

O amor é a prova cabal de Deus

A dor vertebral do amor

Não mata,

Consome o sumo, cospe o suco

Enxuta, enxota

Enquanto não chupa sua xoxota

Acena pra ela, meu príncipe

Sussurra no teu ouvido o sonho

Abraça seu desejo de sorte, sopra seu cílio

Nomina o filho de sorte

Ajoelha, sorriso de orelha a orelha

Aperta o olho e cheira, sopra

Enquanto chupa sua xoxota

Acena dentro dela, meu príncipe

Beija sua boca

Lhe chama pelo nome enquanto veste sua roupa

Passeia de mãos dadas, não larga nunca

Passeia os dedos em sua nuca

Faz nos cabelos uma trança

Arrepia os pelos das costas

Beija e mordisca as bandas da bunda

Lambuza de saliva as coxas

De esperma a língua
De amor o redor
Faz dela tudo no mundo
Chama o mundo com teu nome
Vê em seus olhos o alimento de tua fome
Cada detalhe seu decora
Enquanto chupa sua xoxota

Consome os órgãos dela, meu príncipe
Reza enquanto dorme ao teu lado
Debaixo do mesmo telhado, no mesmo chão
Pula-pula no colchão, treme feito epilético
Fuma maconha, injeta na bolsa, rouba um mendigo
Esquece o que te digo, acorda
Faz com ela um acordo eterno
Veste terno no casamento
Come o bolo com a mão
Dança a valsa e mergulha de cabeça
Como quem não volta
Enquanto chupa sua xoxota

QUE TUDO SEJA

Sou um dos espíritos que falou nos ouvidos de Chico
se vier terá um pouco do meu rouco fiapo de onisciência
o cisco do sublime risco das estrelas decadentes na Terra
descendentes de astros de outra grandeza.

Que tudo seja

E ainda será pequeno

Sou um dos milhares de espíritos que soprou seu hálito
no barro

sacro é ser parte feito todos, ter o álibi de não ser único

todos os defuntos que caminham com seus pesados
corpos

o copo meio cheio dos seres loucos. Agora andarilhos

agora enforcados. Fora a gente tonta que festeja

Que tudo seja

E ainda será pequeno

E o veneno que sempre nos oferecem feito beijos sem
afeto

os dialetos que conclamam como regras de convivência

a indecência em via de regra nos expulsando como pragas

as chagas do Cristo que me habita, cada vez mais latejam

E que lá estejam os anjos que me rezam. Vos amém

Que tudo seja

E ainda será pequeno

Ainda não sei nada. O dialeto, o mistério, as luzes que emanam

dos corpos. São sempre corpos. São luzes, e ainda são corpos

Enquanto aqui celebram o mesmo ano e as mesmas semanas

Lá o mesmo ano. Um dia basta. Um Deus. Um espírito. Uma besta.

Que tudo seja

E ainda será pequeno

SÓ O CÉU

Não há nada que saia daí e seja de algum proveito

nada que interesse, nada que inquiete, nada que desperdice

nenhuma sinceridade, nenhuma culpa. Não há nada

além das cores surreais, dos tons agrídoces do céu

dos tons agrídoces do céu

Além do mais, mais nada. O vazio, o suco aguado

não há nada que já não seja esperado, o não lugar

o parênteses que não fecha, não há trinco

a lua no teto de zinco, nem isso
além das cores editadas, dos tons agrídoces do céu
dos tons agrídoces do céu
Fora o mar, fora o infinito em gotas, que não se represa
não há nada. Só tascos de sobra, letras arrumadas
desconexas palavras desconexas palavras desconexas
o sopro de vento no cabelo, os olhos fechados de fumo
um andarilho sem rumo acena. Neste poema não há nada
Além das cores berrantes escarlates, dos tons agrídoces
do céu
dos tons agrídoces do céu

OUTRO HOMEM



É a noite que traz o peso do regime

semi

aberto

A noite é quem estipula o dialeto

semi

analfabeto

A noite castiga e encanta

e me sussurra aos beijos em meu ouvido insone

tudo aquilo que me consome

o teu nome

tua dança

tua onipresença e a sentença sem esperança

– outro homem.

É a noite, este espírito doentio

de tanto alarde

a noite, esta covarde, me balança os calcanhares

me acalanta em seu ardil

me aponta meus defeitos mais sombrios

me oferece gentilmente a cura

me aponta bares

mas sinceramente jura

não matará minha fome

é quando ela sussurra

teu nome
teu sorriso
e a verdade em contraste, o abismo

– outro homem

É a noite, essa cadela
aponta-me um revólver
uma lança enlambuzada de veneno
e me alcança, e me perfura
e locomove; me absorve e cospe
me esconjura, rasga as costas
cria-me aftas, lapsos de memória
poca minhas bolhas de catapora.
Caio em falso, amoleço inteiro
penso: “há algo de importante que me esqueço...”
uma paz alivante me estimula
... quase no mesmo instante interrompe

a noite sorridente me sussurra

teu nome

tua energia

o que só me esqueço à luz do dia

-Outro homem.

É a noite, a vadia com quem me deito

de quem sou cria a mamar no peito

feliz seria se tivesse por defeito

só viver à luz do dia.

A noite me cobra

a felicidade ultrapassada

sublinha detalhes, aumenta delitos

me julga bandido e promove defesas

levanta bandeiras de paz

esmigalha-me o coração

e quando sinto que não sou mais capaz

grito por perdão

então, e só então...

ela some

leva consigo teu nome

tuas lembranças

me abandona e deixa por herança

outro homem.

DO JOIO

Se sente em um beco escuro e úmido
qualquer que seja o dia que saia pro mundo
sua alma se oprime, se encolhe no corpo
á cada conhecido seu sorriso finge solto

até tenta dialogar com a paisagem incólume
tenta ver, com seus olhos daltônicos um sabor
mas chora no chuveiro em ducha toda dor
irradiando uma luz frágil tipo vagalume

eu só queria que ela soubesse de um certo carinho

que mesmo pouco, o carinho é inflamável
e se cair não seca fácil.

E mesmo com seus tragos, rasgos, atos mesquinhos
De todas as pessoas doentes que conheci
você foi a mais saudável

EU LIXEIR O

A luz de contra, lâmpada de teto que ilumina o quarto
que se vê de uma janela aberta numa noite escura e vaga
o asfalto acinzentado tem tons coloridos opacos dos sacos
abertos plásticos esparramados feito fluídos de um
bêbado
vejo do alto, empoderado, o homem lixo bagunça(n)do
os sacos pretos na calçada/asfalto lisos
o homem lixo preto vem dançando com seus dedos sujos
sacos com seus fluídos nada opacos e seu cheiro um
alarde

procurando entre meus restos os dejetos menos abjetos,
os pedaços de alimentos, os excertos, excrementos
putrefatos menos

chafurdando eu tento no meu leito, sem proveito,
chafurdando em minha cama lembrando os dedos sujos
no meu parapeito

este é meu lixo homem preto, eu fiz e faço e não aceito
que se abra na calçada os sacos plásticos que lacrados são
aceitos

quero novamente meus segredos inclementes ensacados
escondidos que meu lixo é sagrado e me mata que um
homem seja um porco

que se eu e ainda os outros que não eu não somos porcos
quem lhe deu o tal direito de aqui em meu parapeito ser
do lixo preto um não hipócrita?

se tem fome ou tem insônia ou insanidade na madrugada
da cidade os dedos sujos que ostentas só reclamam e
desenganam meu sono profundo

porque me mostras que o não preto – o homem saco –
fez o seu acordo tácito e como outros tão opacos mais
que os fracos tem em seu frasco o cheiro lodo drástico, o
prático odor do homem tolo que do alto do seu sono
embebido vai dormir tão putrefato que embaixo do seu
sono frágil o homem lodo é mais heroico e grato, sai do
lixo mais soberbo e o homem não preto é o mais imundo

POEMO

2608

Amor! Olha amor... mEU amor... Vi um fantasma

Um fantasma belo, um fantasma grande, gigante sombra
de luz

Me envolveu, eu corri. Ele me perseguiu, mais porque se
levantava e por ser grande me encobriu

Não porque quisesse me fazer mal ou causar medo

Era um astronauta, cuja máscara se via em Globo
transparente de oxigênio

Amor! mEU amor... Vi um bicho de poucos amigos

Vislumbrei os olhos de um ser homônimo, vi um homem

Um deus ruim

E assim corri, com medo corri e sua sombra me alcançava

E me puxava as pernas suas patas gélidas, suas garras finas

Me arranhava a pele escura em sangue

Minhas lascas ficaram em suas unhas, mas ele me deixou escapar

Não me engoliu porque não me quis

Disse-me em mente que eu não era alimento

O monstro não me quis, e assim estou aqui

Amor! mEu mais precioso, mEU mais grandioso de mim... você não sabe o que eu vi

A origem do mundo, o holocausto supremo

Por um pequeno momento, algo fugaz e improvável

Mas se você confia em mim há de ter fé no louco

Você que amo, me deve isso. Este acalanto que é ser parte

Testemunha

Cegou-me os olhos, a explosão

Chegou-me num átimo o átomo dividindo-se

A bomba implodindo-se

E a reunião

Foi lindo. Eu precisei correr a ti

Amor! mEU único amor...

Prometo que vi-te transfigurada, inebriada de tragédia e dor

Afogada, encharcada num oceano, estavas enterrada no mais profundo

E eu cavei feito louco, agora vês como sou determinado?

Feito uma britadeira que busca petróleo

Feito um peixe nadando no óleo

Fervendo desenterrava

Nos olhos do monstro, do astronauta

vi-te linda lua a observar-me

sua luz me alcançava em maré baixa, e eu sujo

eu juro, o mar ainda longe, e te desenterrava

na areia. Vislumbrando oceano profundo

minhas unhas fincaram

meus dedos nus buscaram água
e quando eu já sem garras, escorrendo
corri

Amor! mEU maior... Só no que penso...

Vi-me em abate. Vi-me um peixe podre preso num
aquário

Eu sedento, imagine. Triste, insone. Faltavam-me santos

No mergulho raso

O peixe na garganta, vidros nos olhos

Eu imenso

Amor! mEU orgulho, vi um homem!

Franzino homem, corredor de gigantes

Apontei-lhe o dedo, levantei-me profeta

E ele debatia as pernas em sequência

Balbuciava rezas esquizofrênicas, procurava salvação

Eu de braços abertos, amor, chamando seu homem

Ele encarando-se fera, o que faria se fosse um gigante
sem alma?

E assim corria feito uma vítima de si

Amor! Os espelhos não são sagrados

São cartas de taroh, escárnios de um sábio sem diálogo

Os espelhos são tristes espectros mortos

Cujos olhos não alcançam

Mas as pernas ainda correm, pseudopernas,
pseudotraumas

Minhas últimas tentativas de justificação

Mas nada é justo assim

E toda cor é um caos de milênios de aceitação

E eu só danço com a minha sorte

Vi um monstro sorridente. Amor. Eu te amo
desesperadamente

Voltei para que guardes só o que me resta

Este presente. Aqui estou vivo.

O passado inteiro foi consumido. Muitos anos, muitas datas, muitos momentos.

Digeridos completamente, esgotados. Só resta a embalagem.

À frente nada é garantido.

Me guarde. Me conserve. Me alimente consigo.

Que eu te amo.

Que eu te amo.

No infinito há um monstro.

Aqui contigo eu sou pequeno e nunca estarei só.

RELAT

O

E aqui vai o relato
do ser cansado, quieto de rouco
ainda se ouve seus soluços
seus gemidos de indolor
quase identifica sua cor
sua corte mal o reverencia
mas ainda o faz
um ser em pedaços
uma mulher sorridente
o ex-amor de alguém
sentada com suas costas na parede de uma fábrica

de gente cansadas
das pessoas com quem se deita
de tudo o que o mundo rejeita
se alimenta
e só vomita o que o estômago não aceita
todo o lixo que se recicla em lixo
a pequena parte não aproveita
é nesta hora que chora
após o cortejo
e disso que se chama passeata
ou passarela
esse povo em fila que caminha
esse que deitado espera
esse povo imenso desentendido
esse pequeno poço do infinito
infinito absurdo que nos consome
nos engole como veneno fossemos
isto que nos supera à cada ano

o engano que nos transforma
é este homem que chora
ao que transborda sua alma seu temor
ao que constata estupefato a ficção
o mundo inteiro achatado do seu ódio
o mundo estático verter-se em plano
o colérico plano ditatorial
transbordando em alimento tóxico de gado
seu amor
empacotando com plástico atômico
seu coração.
Agora a mulher do sorriso largo
me olha oceano e não me larga
olhos tão profundos como um buraco de minhoca
em si transborda
me encharca a alma
disso choro
me engano de corpo

repasso minha morte á frente
vejo de repente outro cadáver
por que se amontoam como se a vida fosse passatempo?
eu que tanto desejo a sorte
vejo tão nítido sua carne dilacerar-se
a verdade dilacerar-te
eles caminham em passeata e trovejam palavras de ordem
agora as gotas caem hipnóticas e disléxicas
caem utópicas anarquistas
caem celebrando suas conquistas
natural das ditaduras deste mundo:
as chuvas tempestuosas; as lavas vulcânicas; os ventos
redemoinhos; tsunamis democráticas
os joguetes dos soberanos sobre nós
MENorias, pequeninos

O ditame do mago
à morte do ego
és lo cego e lo mendigo

certo é retorno em seta
objetiva e esguia
da profecia
e não do profeta.

POEMA

DE

09 / 08

Dá-lhe. Sente-se doente?

Sente, mas... Dá-lhe.

Lida com tua dor. Mas... o que é mesmo que dói?

Sintomas não são a doença.

Pensa mais. Veja. Sinta.

Sente-se melhor?

Deita.

Quando abre os olhos, consegue ver-se?

Então dá-lhe. Está bem.

Se algo te alcança é porque ainda está disponível.

Levanta e anda.

Só te alcança quem te segue.

Dá-lhe.

2067

Este é um agradecimento

meus pés quase úmidos tocaram este piso de madeira
morna

essa tez de um branco mármoreo, fina feito massa de
pastel

e eu me ergo em meu pijama florido e louco

eu sou um velho e amo

eu sou e fui feliz

ainda conservo meus cabelos, não todos

e conservo das lembranças as melhores

dos amigos, os vivos

dos amores, os puros. Os que respiraram. Os que me
enxergaram em meus aprofundamentos

os filhos, todos

os pais, eternos

os anjos meigos

as dores leves

Abro sempre os olhos entusiasmado

sim, meu tempo é o tempo do sol

já que não houve um dia sequer em que eu não
despertasse

e dizem que ilumino o mundo ao meu redor

provavelmente porque desço as escadas dançando

meus netos me olham com olhos brilhantes de fã

me encontram no meio da noite jogando vídeo game

eu não deixo que me ganhem

nas fotos me vêm mais ícone

nas íris reconhecem mais espírito

nas fotos eu entendo que a vida tem um tempo próprio

eu não digo que tenha demorado

mas que bom seria, ter amado

e só amado

a vida toda

CORPO DE ÁTOMO S

eles estão juntos, são belos

mas continuam separados

os corpos torneados, gordurosos, esqueléticos, brilhantes

muralhas, barreiras, limites de átomos de nada

por vezes se chocam, se arrepiam, repulsam-se
pra depois repuxar-se, atrair-se, unir-se em corpos
suas barreiras intransponíveis, seus limites de átomos

nada está de fato livre

nada está de fato livre da dor

nada existe em concreto

eles continuam separados

apesar de belos

mesmo quando se amam

pra sempre se amam e juntos se protegem

mesmo quando sorriem nas fotos

e os filhos sorriem com seus netos

mesmo grisalhos e agasalhados

seus átomos de

nada

os separam

os corpos são barreiras de luz de átomos
e depois dos corpos
são luzes e se finalmente se amam

por hora esperam
pacientes, sorridentes, acalentos
seu afeto
esperam
as luzes que se unem em essência
se unem em feto

corpos de átomos de
nada
os separam
e continuam separados
apesar de belos

DO TEMPO DOS DEUSES

Sobre astrologia,

te sinto em repouso, mas tenso

boiando numa corrente fraca que te arrasta rumo ao mar

e você de olhos fechados sonhando em ser água

você de costas nuas deitadas no leito, sem saber nadar

eu sei sobre o que te move

sei do temor que te persegue e vejo o quanto se debate

sinto teus olhos profundos, cuja pureza límpida resvala

transborda em gota de lágrima o mesmo oceano que por
hora te navega

lindo o quanto teu peito ama

o quanto escuto o que clama, insone a ânsia que te
cavalga

tuas mãos em lança estendidas ao futuro

teu espírito dança, maduro, ereto feito flecha que aponta

te juro, criança, baila mais, baila fluído

sorria ao mundo que o mundo te alcança

eu quero afagar teus cabelos e afogar tua espera com
beijos

quero abraçar teus desejos e despejá-los inteiros

quero uma chuva de confetes dourados
quero o alvorecer, o amanhecer, o despertar eterno
quero tudo o que me prometeste ter guardado
tudo o que mais quero
pra ti ofertado

como quem recebe surpreso, no alto de um pódio
medalha de ouro qual o olho lacrimeja
o peito ofegante da vitória que conclama
ultrapassando a linha de chegada perseguida
atônito de ter recebido o prêmio merecido
após ter corrido maratona

QUEM ME DERA

Quem me dera

a quimera ser presente

no espelho que reflete a fera

sorri o seu desdém dos dentes

os caninos afiados sorridentes

são belos seus cabelos fios de prata de seu cérebro

a fera é um sonho refletido, a fera é um vestígio do sono

Então não existe, de fato, a fera
quem me dera
ser eu em maquiagem o que sou, em carruagem nuvem
insípida
quem me dera ser na vida o que sou em sonho
que os fios de prata de meu cérebro que por hora abandono
as roupas que me rasgam o peito, camufladas
nas vontades dos homens, frágeis homens
quero ser criança e mais nada
abrindo os fios de prata um a um
recolhendo as flechas manchadas
soprando nos ventrículos como um ventrículo de emoções

eu não sou mais nada
que não fora desde sempre
como está na pequena semente
a árvore frondosa imensa
eu não sou mais nada a não ser o que se pensa
quem me dera ser de imediato a fera amansada
quem me dera

ver-me em espelho refletido e aceitar-me
quem me dera amansar-me
com sopros de amor
sopros de cura, ajuda mansa e cafuné nos cabelos
pra sempre canções de acalanto
calando fundo as dores agudas
criando poemas sem sentido
sem encomenda
e que não sejam lidos
que sejam isto
sulcos, vãos
canions
por onde no futuro correrão saudáveis águas
a vida fluída por entre as cicatrizes da terra
minhas rugas como canions na fera
por onde lágrimas saudáveis escorrem
quem me dera.

LIVRO 0

Sim, houve sim. Houve este tempo em que estiveram juntos e se amaram e queriam um ao outro como um homem que já não tem sua perna a quereria novamente. Ainda que nunca tivessem passado pelo impacto brusco, tosco, (deus-machina), de um caminhão lhe passando por cima dos ossos.

Este tempo é passado. Disse-lhe anos depois com uma cara de professor trinta anos mais antigo. Que ambos tivessem a mesma idade quando se amavam, na ocasião ambos sabiam, mas esta mania tonta que o homem decidido tem de amadurecer repentinamente ao término do seu idílio, esta mania infantil de parecer ancião e sobrepujar suas barbas brancas na face desolada de sua donzela abandonada ao sal das próprias lágrimas... Mania insuportável de pedante.

Tanto que pensou que poderia matá-lo no dia seguinte, tamanha a sua renovação. Poderia pagar a um caminhoneiro faminto e ordená-lo que atropelasse o homem que já não era dela, a quem ela já não pertencia. Pensava que não pertencer a ninguém era o mesmo que se perder no infinito, podia morrer que não fazia diferença. Talvez ainda fosse mais agradável que ser fantasma perambulando pela noite fria-escura deste planeta de

sombras obscuras. Os homens são sombras. Sombras de insetos.

Tanto que ligou apenas para certificar-se de que sua voz era uma voz de inseto, de barata quase morta, de larva de rato. Larva de rato, aquela voz fina pouco trêmula que não se sustenta mais de segundo quando lançada no ar. Voz que antes de sair tremula as cordas vocais feito brisa em galho fino. Aquela voz de viado.

Ele é viado. Teve certeza que era. Merecia morrer então, que homem de bem não faz um troço desse com uma mulher. Merecia que um caminhão lhe atravessasse o reto.

Calma, dona. Calma. Estás fora de controle. Assim acaba levando a alma de um, de dois, e condenando a tua própria. Essa sua alma condenada de puta.

Estamos fora de controle aqui. Vamos tomar um ar.

Sim, vamos.

Sabe, te amei a primeira vez que te vi. Quando ouvi de tua boca palavras tão duras.

Verdade? Eu me envergonho de tais pensamentos. Só dizia por não conseguir contê-los. Eu gostaria de voltar no tempo para desdizê-los.

Não, nunca! Não me faça uma coisa dessas. É justamente por eles que te amo. É difícil encontrar alguém que não esconda a sinceridade de seus pensamentos. As pessoas temem descobrir a imperfeição. São tão tontas todas. Mas

você é uma jóia. Nunca encontrei alguém transparente assim.

Eu me envergonho também.

Não, não seja medíocre ou minha admiração cai por terra. Quero ver mais de você justo o que falta em mim. Eu sou menor como eles todos. Me escondo dentro da minha pele. Mas não passo de um mentiroso pequeno e sujo. Eu sinto este fedor. Você sente? Eu me lavo como se fosse arrancar minha pele com a esponja, eu uso três qualidades de perfumes diferentes, mas não me livro deste cheiro de enxofre. Eu sinto ele na maioria das pessoas, mas em mim é bem mais forte. Que eu já me acostumei a identificá-lo saindo dos poros. Mas em você não sinto.

Que cheiro?

Este. Cheire minha axila. Eu sou demônio feito os outros, eu vim do lodo. Por isso nunca chego perto de um terraço acima do sexto andar. Que se me encontro desprevenido me joga. Não perco a oportunidade de dizimar um demônio a mais, exorcizar pelo baque. Me lançaria sem pensar duas vezes.

Mesmo?

Sem pensar duas vezes.

Mas você é tão jovem, tão bonito.

Depende da face. Olhe desse lado. Está vendo?

Estou. Lhe faltam dois dentes.

Três.

Três?

Sim.

Quando você puxa assim a bochecha eu enxergo. O que lhe aconteceu?

Queda.

Você caiu quando criança?

Me espremeram em uma mureta na esquina de casa e me cacetaram, mais de dez.

Te bateram quando você era criança?

Não tem mais de um ano que me envenenei com inseticida forte que me corroe os dentes e parte da língua. Vê?

Quando você elastece assim suas bochechas eu consigo ver.

Ainda vê pouco, que se visse tudo já não conversava.

Deu-lhe uma volta com sensualidade e lhe beijou a boca banguela. O amor só se encontra nos vãos.

Algo nos prendeu aqui, boca a boca. Alguém deve ter feito um feitiço. Que não me desvencilho nem com toda força. Seus dentes ainda estão inteiros? Sinto como se a minha boca corresse a sua. Quase sinto sua agonia. Seria bom se

conseguisse falar, pra gente se comunicar de alguma forma. É mal educado beijar pessoa com olhos abertos, mas isto já se distanciou de um beijo, e que bom que abri meus olhos pra olhar nos teus olhos e entender que esta lágrima que lhe escorre é de agonia. Também estou agoniado, mas o costume agora me ajuda a não me desesperar. Se tivermos que ser um só, seremos, pelo menos você é uma boa pessoa, translúcida, verdadeira, não se esconde em máscaras obsoletas. Você me compreende não é?

Ahammmm hummmm hummmeammmmm
ahammmmmme huhammemmmmm ammmm

Eu sei que escuta e que entende. Eu te amo. Vou laçar também o meu corpo no seu.

Puta. Corpo de puta é fácil cair em desgraça.

Neste caso a desgraça é você.

Justo. Essa é a ironia, puta burra. Eu sinto que você não pretende me deixar tão cedo.

Não, tem razão. Eu percebo o quanto tenta me machucar com esta saliva infanto-juvenil, essa sua puberdade tardia que ataca pra se autoafirmar. Eu não ligo. Sempre te observei à distância e sempre tive vontade de ser tua mãe. Vou te criar. Com o passar do tempo terá domada a língua e outras partes do corpo também enrijecidas pela in experiência. O seu raciocínio é caótico, isto ainda há de atrapalhar demais, mas eu tenho paciência. Sinto como fosse uma obrigação minha, fugir disso é sair derrotada de

uma tarefa simples. Afinal, e nisso você precisa concordar comigo, não ter sucesso no empreendimento de doutrinar um cão é o mesmo que não ser digna da consideração de superioridade. Se tu não consegue subjugar um animal selvagem, então tu não passa de um animal selvagem.

Talvez eu seja sentimental e não queira subjugar um igual.

Porque és igual. Foi o que eu disse.

aMártir

dar-lhe ei todas as doutrinas erráticas almáticas aladas das
fadas achadas

xamânicas

todas as semânticas estão prontas aos discursos dos além
homens

todas as brandas bandas harmônicas de harpas

as setas das fadas conclamam

AMARPAZ

Serenata é saudade

sábua dádiva ávida aliada

despe a ida

idília

Ilíada

aliada alma dada ao consolo. à Glória

Sorria. Raia o dia na história

Felicita febricita explícita explica a lida

lê

decora.

No fundo do mar nenhuma bomba explode

Para o mergulho

sempre

à mar.

Depois, à mar-te. Ser à mártir.

PARA O
SUSTEN
TO DOS
CAMEL
OS

Nós precisamos formar um grupo. E se ver todo dia. E amar em prol de um objetivo em comum. Sempre atentos a alguém que queira se redimir dos seus pecados através do sustento de artistas. Os pecadores são os que mais têm dinheiro. É mais fácil um camelo passar no buraco de uma agulha.

Nós precisamos formar um grupo. De gente diferente disposta a se amar em prol de um trabalho em comum. Um trabalho sobre camelos e sobre pecados e sobre alguém que se redima passando pelo buraco de uma agulha.

Eu sei que é mais fácil formar um grupo do que viver todo dia. E amar em prol de um pecado em comum. E redimir os camelos por serem animais que não sustentam artistas.

Precisamos ser artistas todos os dias, em prol de um objetivo em comum. E amar os pecadores que formam um grupo que tem dinheiro. E fazem camelos passarem por buracos de agulha, este é seu pecado que não se redime com o sustento de artistas.

Precisamos formar um grupo de camelos que tenha dinheiro. Em prol de um buraco de agulha em comum. Ver todos os dias os pecadores com dinheiro. Amar o comum. Em prol de um dia. Sermos artistas.

Precisamos ser agulhas um dia. Um grupo de buracos. Formar um pecado que nos redima.

TUA OBRA

As folhas das árvores

Centenárias

Te farão um chá de odor

Perfumado

Com este tu se banha, adormece deitada no banho

E sonha.

Vê-se como um ser realizado, de áurea iluminada

Pensa naqueles que ama

Se pergunta nova e profundamente

Afinal, o que ainda falta?

Eu faço algum bem enquanto vivo?

São os raios de um milenar guia
Que anuncia a hora de seu despertar
Perfumada pelo chá das folhas
Olha ao seu redor e reconhece o sonho
E ainda investiga se o presente não é falso
Agora que estou viva, e sei que amo
O que faço?

Lobos, ou anjos, gritam distantes
Apenas um som ambiente que acalma
Agora, sentada na cama, relembra
Quem são os espíritos
A quem ama
Que música decifra teu demônio?
Escuta.
Bem mais alto que os lobos ou os anjos
Canta.